

# A.C.L.R.

## AS NEURÓTICAS

Se Ana Michaela Vaz dos Guimarães Quintela  
tivesse podido ser minha  
e aprendido a ler e a escrever,  
quicá tivesse assinalado  
no diário que teria escrito  
o trato e o espírito  
que no amor de quem por ela morre,  
corre.

Não havendo podido escrever nenhum diário, porém,  
por de letras e amor não ter entendimento,  
resulta que sobeja em graça  
o que em luz falece  
na senhora por quem de amores  
vivo e morro e — muito mais:  
em Ana Michaela Vaz dos Guimarães Quintela,  
a analfabeta esposa de meu pai.

(Brasil, 80)

## OS FELINOS

Não é (o que me choca) a velha gata  
enamorada de seu próprio filho,  
ou mais: do que ele tem e a ela falta  
por nascimento, de vez que o pariu;  
não é o natural, com quem combina,  
por uma desmemória tão antiga,  
a vocação de mãe e concubina  
de um macho, mas que filho se lhe obriga;  
tampouco o que lhe falta de atavismo  
ou algo que equivalha; o que me choca  
não é o seu instinto de felino,  
senão o que de humano em mim se arvora,  
julgando escandalosa a carne erótica  
da fêmea que do macho se enamora.

(Manila, 6/nov./85)

# AIRTON PASCHOA

## O PÁSSARO DE FOGO

E de ferro  
o minudente bico  
e tão fogosas  
as minúsculas asas  
e de cinzas  
os invisíveis pés  
que se consome  
de penas  
o grave corpo  
sem repouso.

## MIRAGEM

Neste deserto acamparei meus servos. Farei oásis de meus lábios  
quentes, e sombra a teus ombros cansados, e removerei a areia de  
teus olhos, teus olhos tão lagos, e estenderemos à tenda da noite a  
grandeza de nossa soma.

## SONETO Nº 5

Não saberei o que jamais diga  
senão de mim; mas força é isto  
reconhecer, e o fato intriga:  
suspeito o que de mim registro.  
Minha memória, de fato é fraca,  
de um fracasso calado, completo...  
Suponha, sob o céu, uma praça  
forte, e vazia, a qual cometo  
com vãs e engenhosas manobras,  
a campanha contudo monótona,  
os trabalhos e os dias sobram,  
que muita vez ao tomar nota...  
Ó mero ego, que monta a vida alheia?  
Recolhe o fato e foge para a aldeia.

## SONETO Nº 6

Eia! quero eu também glosar o mote,  
exibir em arte poética sã virtuose.  
Apertem o cronômetro já! Não temo  
escandir em versos o tempo. A sós e  
à meia voz, e à meia luz do rito  
e da torre, e a decorar o salão,  
e fervoroso, sob pena de um tiro  
nos cornos... não, no coração!...  
Mas deixemos este mote da vida,  
matéria de soco, não de coturno.  
Golias com um soco afunda Davi.  
Cravo, Cavouco, Outono e Noturno.  
Matéria de coturno, não de soco? Não é tragédia?  
Não é matéria? Eia, do burro larguemos a rédea!

## SONETO Nº 8

Os melhores poemas virão aos quarenta,  
sabe o poeta jovem, com certeza infeliz.  
Que fazer? *hélas!* Agasalha os desenganos,  
segredam-lhe em casa os botões, que deles  
hão de rebentar, eternos quão tardios,  
esses filhos da moça idade bastardos.  
Viver para escrever! À tona! À vista!  
Às Índias! O poeta descobre a América.  
De pé! Que faltem vinte, doze, dez...  
Não é a *poiesis* progressão aritmética,  
com razão negativa, de cãs e cãibras?  
Ah se resolvesse com palavras o problema,  
passaria a vida, palavra, a fazer poemas!

# ZUCA SARDAN



THEOBALDO SYLVANO

1883-(1823)-1946 (63)

Fossem os versos de Theobaldo Sylvano tão "de quinquilharia" quanto pontifique, de sua implacável pena, o Senhor Eustáquio Pimenta, mereciam ainda assim entrar, nem que à socapa, pela porta dos fundos da tipografia, nas páginas benevolentes desta democrática antologia. Não nos deixaremos satelizar pelo poder maquiavélico das capelas literárias que tiranizam a cena beletrista contemporânea. Pode, portanto, o Senhor Pimenta tirar sua mula malhada da chuva .

Embora com um ranço suburbano (que lhes dá paradoxalmente certo charme inexplicável), as plaquetas de Sylvano (hoje difícilimas de se encontrar) encerram por vezes baratas, e até lacraias, amassadas entre suas páginas (o que lhes matiza de mórbida atração decadentista) .

Martirizou-se, o ingênuo Sylvano, com a nociva influência greco-romana dos pretensos sábios acadêmicos do Instituto Fontana, cujos trabalhos,

já vendidos em farmácias tradicionais em anexo a pastilhas soporíferas, se esforçam, reacionariamente, em provocar um retorno à Arte Antiga. Donde nosso Sylvano, entre as bananeiras de seu quintal suburbano, andou insistindo em patranhar umas elegias de inspiração helênica... Depois, em rápida evolução, passou pra Idade Média, com choradas baladas cavaleirescas. Destas fases só lhe sobraram as supra-citadas baratas e lacraias amassadas. Já nas suas elegias modernas, com o advento da locomotiva em suas obras, sobe o poeta em mais altos coturnos: Andou ele sentindo um cheiro de modernismo no ar. O peru de natal, talvez, da mãe de Mário. Donde lhe advém a heteromorfia da obra madura, já caindo do galho na cerca que separa o século XIX do XX. Não que fosse tão antigo, mas à maneira dos caranguejos, Sylvano cismava de andar pra frente olhando pra trás. Ou de andar pra trás olhando pra frente, como preferia o Senhor Eustáquio Pimenta.

Poeta assim compósito, Sylvano acabou atropelado na esquina de confluência de duas escolas literárias. Recebeu, de passantes compassivos, na boca aberta uma vela acesa. O defunto, insistindo ainda em se mexer, foi levado às pressas para o Pronto Socorro, onde recebeu os últimos arremates .

~~%%&%%&%%&%%&%%&%%&%%~~

### DANAÉ

A noite reina e tripudia. Os ventos vão se sentar, sem serem convidados, na improvisada nave de Danaé, uma bacia de lavar roupa, de madeira, sacudida no mar (sacudida a bacia e - ou - Danaé... o poeta sutilmente leva o leitor a participar da criação desta magnífica elegia ... )

Danaé, ai, que tristeza!... (algumas leitoras mais sentimentais já começam a querer chorar) vai afundar com seu pirralho, o filho de Júpiter!... ( aqui o próprio autor,



Mais a mais, notem os Senhores Leitores a invenção revolucionária de Sylvano, que transformou a barca de Danaé numa tina de lavar roupa. O vate patricio galvanizou assim, com carga de alta tensão social, o que antes era um tema banal para exercício de retórica erudita ...

Doutor Fonseca, com sua análise de cunho freudiano, sempre na busca lasciva de motivações sexuais até para os mais líricos arroubos poéticos, insiste em ver na elegia inacabada a sublimação de uma paixão infantil de Theobaldo por uma lavadeira portuguesa que trabalhava às sextas-feiras no quintal da família . Donde lhe teria vindo a obsessão por tamancos, e, muito especialmente, por mulheres robustas, de sobancelhas grossas e sovacos cabeludos.

Não subscrevemos o libidinoso parecer de Doutor Fonseca, porque nos não prestamos à desfrutabilidade de nos agregarmos ao fabordão da cartilha freudiana. Por mais genial que

seja o famoso psiquiatra de Viena,  
guardaremos nossa autonomia intele-  
ctual .

Ora, assaz de polêmicas. Abram  
alas, Senhoras e Senhores, para a  
Arte!... E dignem-se a saborear es-  
ta sofisticada raridade, um dos úl-  
timos poemas de Sylvano, escrito  
dias antes de seu desaparecimento,  
na subitaneidade do trânsito .

*%&&%&&%&&%&&%&&%&&%&&%*

### NO DIVINAL BALMASQUÊ

No divinal balmasquê  
do carnaval desta vida  
ao lânguido arrebol  
Diana Caçadora  
com seu rostinho de fera  
dextra estende o arco  
e m'aponta a flecha...  
"Não se mexa!... "

Vem, loura fatal,  
cá te espera o teu rouxinol...

*%&&%&&%&&%&&%&&%&&%&&%*